

UM MANIFESTO DO HUMANISMO RENASCENTISTA: TRADUÇÃO DA
EPÍSTOLA INTRODUTÓRIA E DO PROÊMIO DO LIVRO I DAS *ELEGANTIAE*
LINGVAE LATINAE DE LORENZO VALLA

Fábio Frohwein de Salles Moniz¹

Resumo: Este trabalho divulga os primeiros resultados de nosso projeto de tradução integral das *Elegantiae linguae latinae* (ELL), o *opus magnum* do humanista renascentista Lorenzo Valla (1407-1457). Na primeira parte, tratamos de informações essenciais para uma abordagem introdutória às ELL, como o conteúdo de seus seis livros, o conceito de *elegantia*, as ideias de alguns humanistas da época de Valla acerca do latim e o impacto da obra em autores do séc. XV. Essa primeira parte consiste numa síntese de informações extraídas de: IJSEWIJN, 1969; IJSEWIJN, 1971; TAVONI, 1984; GUILLÉN, 1992; VALLA, 1999; HENDERSON, 2001; SANCHEZ, 2004; PERCIVAL, 2007; ALIGUIERI, 2011; REGOLIOSI, 2012; MARSICO, 2013; CAMPANELLI, 2014; SCHÖNTAG, 2017; BOCCHETTI, 2018; CELENZA, 2018; NAUTA, 2018; GIANOTTI, 2019; MORI, 2021. Na segunda parte, apresentamos nossa proposta de tradução da epístola introdutória das ELL, endereçada por Valla a seu amigo Giovanni Tortelli (1400-1466), e do proêmio ao livro I, considerado uma espécie de manifesto do humanismo renascentista italiano por muitos estudiosos. Em nosso trabalho de tradução, utilizamos o texto da epístola e do proêmio ao livro I editados por Eugenio Garin (GARIN, s.d.), confrontando ainda sua tradução e a de Santiago López Moreda (VALLA, 1999).

Palavras-Chave: Humanismo renascentista italiano; Lorenzo Valla; *Elegantiae linguae latinae*; *grammatica latina*; gramaticologia.

Abstract: This article displays the first results of our project which consists in creating a complete translation of the *Elegantiae linguae latinae* (ELL), the *magnum opus* of Renaissance humanist Lorenzo Valla (1407-1457). Its first part offers essential informations for an introductory approach to the ELL, like, e.g., the content of its six books, the concept of *elegantia*, the notions of some humanists of the age of Valla concerning the latin language and the impact of Valla's work on authors of the 15th century. For that sake, we will synthesize informations taken from IJSEWIJN, 1969; IJSEWIJN, 1971; TAVONI, 1984; GUILLÉN, 1992; VALLA, 1999; HENDERSON, 2001; SANCHEZ, 2004; PERCIVAL, 2007; ALIGUIERI, 2011; REGOLIOSI, 2012; MARSICO, 2013; CAMPANELLI, 2014; SCHÖNTAG, 2017; BOCCHETTI, 2018; CELENZA, 2018; NAUTA, 2018; GIANOTTI, 2019; MORI, 2021. The second part of this article presents our proposal of how the introductory epistle of the ELL should be translated. Valla addressed this letter to his friend Giovanni Tortelli (1400-1466). Subsequently, we present our translation of the preamble to the first book which, by many scholars, is considered to be a sort of Italian Renaissance Humanism manifest. As basis for our translations, we use the text of the epistle and the preamble of the edition of Eugenio Garin (GARIN, s.d.). In addition, we confront the translation of Garin and the one of Santiago López Moreda (VALLA, 1999) with our own.

Keywords: Italian Renaissance Humanism; Lorenzo Valla; *Elegantiae linguae latinae*; *Grammatica latina*; Grammaticology.

¹ Professor de Língua e Literatura Latinas do Departamento de Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

PARTE I

INTRODUÇÃO

As *Elegantiae linguae latinae* (doravante *ELL*) representam não somente o *opus magnum* de Lorenzo Valla acerca da língua latina, bem como uma das obras que mais influenciaram os humanistas do Renascimento e renovaram as discussões em torno do latim e da linguagem. Nas palavras de Carlo Dionisotti, “*le Eleganze [...] sono la Magna Charta dell’Umanesimo, non italiano soltanto ma europeo*”.² Nessa obra, já desde o proêmio do livro I, cuja proposta de tradução apresentaremos na segunda parte deste trabalho, Valla declara ter se lançado à árdua e importante tarefa de refazer o latim, de livrá-lo daquilo que considera uma conspurcação acumulada de vícios legados pela corrupção e aspereza de autores medievais. Seu objetivo é claro: muito além de restaurar o antigo esplendor do idioma dos romanos, deseja restituir aos contemporâneos uma linguagem universal, por meio da qual possam se garantir a clareza da comunicação e a lógica do pensamento. Dessa forma, Valla, em *ELL*, tece reflexões gramaticais, estilísticas, retóricas, lexicográficas e filológicas a partir do *usus antiquorum*, a fim de auxiliar seu público-leitor de alunos e professores universitários a atingir a correção e a clareza na escrita em latim.

As *ELL* organizam-se em seis livros: o primeiro trata do substantivo, verbo e particípio; o segundo, de demais classes de palavras; o terceiro aborda palavras cujas variações sintáticas alteram o significado; o quarto e o quinto dizem respeito a substantivos e verbos que apresentam similaridade; o sexto e último livro apresenta correções de erros cometidos por autores antigos, sobretudo gramáticos e juristas. Importante sublinharmos que tanto os assuntos quanto a estrutura de organização e as fontes empregadas na obra por Valla conferem-lhe originalidade frente aos gramáticos da Antiguidade clássica e da Idade Média.

Em geral, as considerações de Valla são fundamentadas por meio de citações, abonadas com o nome do autor e, frequentemente, com o título da obra e número do livro. Por outro lado, há erros de atribuição de autoria às citações, devido ao fato de que Valla citava de memória, prática corrente entre os humanistas, entre outros motivos que carecem ainda de investigação. Além disso, verificam-se lapsos de identificação da fonte, sem contar a discrepância entre os textos das edições modernas dos clássicos e das edições em circulação à época, que talvez possa se dever à qualidade das fontes, isto é, às variantes textuais presentes nos códices medievais e/ou renascentistas. Verifica-se, também, o problema de que algumas fontes não são reveladas,

² DIONISOTTI, 1967, p. 189.

o que pode significar que Valla tinha certa intenção de silenciar dívidas para com a tradição gramatical anterior ou com gramáticos recentes geralmente referidos por pronomes indefinidos. Não obstante essas questões, as *ELL* alicerçam-se num repertório de exemplos colhidos das tradições literária e jurídica clássicas e tardo-antigas.

Outra novidade das *ELL* é dispor, junto aos *exempla* dos *auctores*, *exempla ficta*, que extraem dos testemunhos escritos o uso linguístico dos antigos. Em alguns desses exemplos criados, Valla define a regra observada a partir do uso, isto é, a análise dos textos dos *idonei auctores* leva à formulação de regras gerais que regem o sistema da língua latina. Mas, longe de tratar a gramática do latim como um conjunto regras abstratas, Valla mostra-se atento a peculiaridades linguísticas, a exemplo de usos distintos para períodos históricos, autores e gêneros literários, utilizando, como critério metodológico, a observação da frequência desses usos dentro da tradição clássica.

Não obstante a relevância das *ELL* para os eruditos não apenas do Renascimento bem como de épocas posteriores, ainda não se editou cientificamente seu texto integral, muito embora Clementina Marsico tenha publicado, em 2013, uma proposta de edição crítica do livro V, intitulada *Per l'edizione delle Elgantie di Lorenzo Valla: studio sul V libro*.³ Antes disso, Eugenio Garin organizara dois volumes contendo as obras completas de Valla em 1962, garantindo, ao menos, uma fonte de consulta das *ELL*, sem que objetivasse resolver os problemas filológicos que se acumularam ao longo de sua transmissão textual. Em 1969, foi publicado o primeiro levantamento de manuscritos e edições das *ELL*, feito por Giuseppe Billanovich, Josef IJsewijn e Gilbert Tournoy, que localizaram setenta códices e cem impressões até a segunda metade do séc. XVII, observando diferenças na disposição de capítulos e empregando-as para classificar manuscritos e impressos. Dois anos depois, em 1971, Billanovich, IJsewijn e Tournoy publicaram adendos e correções à lista de testemunhos manuscritos e impressos das *ELL*. Outra importante contribuição para a investigação acerca da tradição textual da obra foi a publicação da correspondência de Valla, em 1984, por Ottavio Besomi e Mariangela Regoliosi, que esclareceram o processo de elaboração e de difusão das *Elegantiae* e a intenção que Valla tinha de reuni-las com duas outras obras sobre gramática latina, redigidas anteriormente, as *Annotationes Raudenses* e o *Antidotum in Facium*.

Ainda na década de 1980, começaram a aparecer pesquisas mais especificamente centradas no texto das *Elegantiae*, graças às informações que Besomi e Regoliosi recuperaram da correspondência de Valla. Em 1988, Simona Gavinelli publicou um artigo em que, por meio

³ MARSICO, 2013.

de citações feitas por Valla nas *ELL*, confirmou as hipóteses apresentadas por Regolisi acerca das etapas de elaboração da obra. Em seu estudo, Gavinelli classificou os códices das *ELL* em três grupos, correspondentes a três fases de redação. Sob a orientação de Regoliosi, Loretta Lo Giudice produziu a tese intitulada *La tradizione delle 'Elegantie' de Lorenzo Valla*,⁴ não somente ampliando a relação de manuscritos de Billanovich, Ijsewijn bem como elaborando o primeiro catálogo completo dos testemunhos das *ELL* com minuciosas descrições e diferenciações estruturais entre os manuscritos. Com base na pesquisa de Lo Giudice, Annarosa Garzoni, em sua tese *Una redazione delle Elegantie di Lorenzo Valla*,⁵ analisou estruturalmente manuscritos que, em sua hipótese, registram uma etapa inicial de redação da obra. Garzoni identificou um conjunto de manuscritos alemães, produzidos provavelmente a partir de um autógrafa comum e, portanto, independentes da *editio princeps* parisiense de 1471, mas observou uma relação próxima entre essa impressão e o Códice de Würzburg (Universitätsbibliothek, M. ch. f. 4165).

A partir da década de 1990, passaram a surgir propostas de edição crítica das *ELL*. Lorella Cotti, em sua tese *Per l'edizione critica delle 'Elegantie' di Lorenzo Valla*,⁶ propôs uma edição do livro I com base em nove testemunhos, relacionados às três etapas de redação. Em 1999, Santiago López Moreda publicou uma edição bilingue (latim-espanhol) das *Elegantiae*, baseada em cinco testemunhos impressos: 1) Paris, 1471; 2) Veneza, 1471; 3) Paris, 1532; 4) Veneza, 1532; e 5) Antuérpia, 1557. Além do texto latino e da tradução para o espanhol, única até agora em idioma moderno feita da obra integral, Moreda oferece dados biográficos de Valla, das polêmicas de que o humanista participou, resumindo informações sobre a elaboração das *ELL*, o conteúdo de cada livro e a teoria gramatical nelas exposta. Posteriormente, Jonatah Como, em sua tese *Un campione di edizione delle Elegantie: i capitoli contro i grammatici antichi*,⁷ apresentou a edição dos primeiros 34 capítulos do livro VI, empregando 26 testemunhos (manuscritos e impressos). Em 2013, Clementina Marsico publicou *Per l'edizione delle Elegantie di Lorenzo Valla: studio sul V libro*,⁸ propondo uma edição do livro V e fazendo valiosos comentários acerca das *ELL*, um excuro pelos estudos recentes da obra, uma síntese da história do texto e a descrição dos testemunhos empregados em sua pesquisa. Muito embora tenha colacionado treze manuscritos representativos das três fases de elaboração das

⁴ GIUDICE, 1986; 1987.

⁵ GARZONI, 1986; 1987.

⁶ COTTI, 1991; 1992.

⁷ COMO, 2004.

⁸ MARSICO, 2013.

Elegantiae, Marsico não considera que sua edição seja crítica *stricto sensu*, mas admite que se trata da primeira edição completa de um dos livros com base na análise da tradição manuscrita, ainda que parcialmente.

Além dessas propostas de edição, foram publicados importantes livros de referência para os estudos sobre as *Elegantiae*. Um deles é *Nel cantiere del Valla: elaborazione e montaggio delle Elegantie*,⁹ volume organizado por Mariangela Regoliosi, que detalha o processo de composição e circulação do *opus magnum* de Valla, além de trazer a público um códice até então desconhecido, localizado na Real Biblioteca del Escorial (M. III. 13). Mencionamos, ainda, *Pubblicare il Valla*,¹⁰ volume também editado por Regoliosi, que trouxe as mais completas relações de testemunhos de obras de Valla, não se restringindo às *ELL*. No que diz respeito ao *opus magnum*, Regoliosi apresenta uma lista de 72 cópias manuscritas, 30 testemunhos contendo excertos e resumos, além de 140 impressões do séc. XVI.

RUDIMENTOS DA HISTÓRIA DO TEXTO DAS *ELL*

Consoante Mariangela Regoliosi, as *ELL* começaram a ser redigidas por volta de 1433 em Pávia, onde Valla trabalhava como professor de *studia humanitatis*. Por volta de 1434-1435, o humanista mudou-se para Florença com seu cunhado Ambrogio Dardanoni, trazendo consigo uma cópia das *ELL*. Ali, um esboço da obra foi apresentado a escritores de renome, como Aurispa e Leonardo Bruni. Valla continuou trabalhando nesse material, depois que se mudou para Nápoles e passou a servir a seu novo protetor, Alfonso de Aragão, entre 1435 e 1447. Em 1439, quando o trabalho parecia estar sendo finalizado, o humanista enviou uma carta ao amigo Giovanni Tortelli, que se encontrava em Florença, avisando que lhe levaria pessoalmente, em breve, uma cópia. No entanto, Valla não pôde empreender a viagem, devido ao conflito entre florentinos, venezianos e milaneses. Em 1440, Florença e Veneza foram derrotadas, em Anghiari, pelas forças de Filippo Maria Visconti, duque de Milão.

Impedido de levar o texto a Tortelli, Valla enviou-o por meio de seu cunhado Dardanoni, em 1441. A intenção era que o amigo analisasse aquela versão da obra antes de ela ser publicada. Valla, portanto, não pretendia divulgá-la ainda, já que poderia fazer alterações que viriam a ser sugeridas por Tortelli. No entanto, sem o conhecimento de Valla e Tortelli, o manuscrito entregue aos cuidados de Dardanoni foi divulgado por Aurispa em 1441. Consultando a correspondência trocada por ambos os amigos, Regoliosi concluiu que, a partir

⁹ REGOLIOSI, 1993.

¹⁰ Idem, 2008.

desse autógrafo, que continha uma versão inconclusa das *ELL*, foram produzidas várias cópias, disseminadas publicamente contra a vontade de seu autor. Certamente, Valla desaprovou a atitude de Aurispa e deu prosseguimento ao trabalho com o texto das *ELL*, como a estudiosa italiana aponta com base em correspondência de Valla a Tortelli de 31 de dezembro de 1443. O autor prometia ao amigo novamente a entrega das *ELL*, dessa vez acompanhadas de títulos e notas marginais, ampliadas com citações e um sétimo livro, as *Annotationes Raudenses*.

No entanto, a versão não oficial das *ELL* já tinha alcançado fama, ainda que Valla continuasse a trabalhar na obra por dez anos e promettesse cópias atualizadas a vários eruditos, como o cardeal Gerardo Landriani, que se encontrava em Roma. Em 1444, Valla viajou para Roma, trazendo com ele uma nova versão das *ELL*, mas sua estadia ali foi interrompida subitamente, devido à Inquisição. No final do ano, Valla retornou a Nápoles, sem que tenhamos notícia se o humanista deixou com alguém uma cópia das *ELL* em Roma e se essa versão teria também se difundido. De volta a Roma definitivamente em 1448, Valla finalizou a composição dos seis livros das *ELL*, embora a preparação da edição definitiva ainda prosseguisse, como indica a correspondência de 1448 enviada Tortelli, em que o autor informa que escreveu a dedicatória ao papa Nicolau V. Esse texto, para além do teor laudatório ao papa, ajuda-nos a compreender o projeto editorial de Valla: publicar seus principais escritos linguístico-gramaticais em uma única edição dos seis livros das *Elegantiae*, dos dois livros das *Annotationes Raudenses* e dos quatro livros do *Antidotum in Facium*. Na dedicatória a Nicolau V, o humanista apresenta esse grandioso projeto editorial, utilizando-se da metáfora da coluna da latinidade, com doze metros de altura (os doze livros), que sustenta imagem do benevolente papa.

Em 1449, em correspondência a Tortelli, Valla pediu-lhe ainda para acrescentar um opúsculo sobre o uso de pronomes possessivos (*De reciprocatione sui et suus*) ao conjunto dos doze livros. De acordo com Clementina Marsico, a redação definitiva das *ELL*, das *Annotationes Raudenses*, de *Antidotum in Facium* e de *De reciprocatione* data, portanto, de 1449¹¹ e corresponde ao manuscrito enviado definitivamente a Tortelli, em que Valla expressou seu desejo de que esse exemplar ficasse guardado na biblioteca do Vaticano e servisse de referência para futuras cópias. Por ironia do destino, esse códice não sobreviveu, conquanto chegassem à atualidade inúmeros outros testemunhos que registram fases do trabalho de Valla no texto das *ELL*, desde que iniciou sua redação, dezesseis anos antes, em 1433.

¹¹ MARSICO, 2013, p. 53.

AS *ELL* NO CONTEXTO DAS TEORIAS GRAMATICAIAS LATINAS DO SÉC. XV

A Idade Média legou a um certo grupo de humanistas renascentistas os fundamentos para que se desenvolvesse a ideia de que o latim coexistira com línguas vernáculos na Roma antiga.¹² O principal influenciador dessa teoria foi Dante Alighieri (1265-1321) que, em seu tratado *De vulgari eloquentia* (Sobre a eloquência vernacular), utilizou o relato bíblico da Torre de Babel para defender a tese de que os eruditos criaram uma língua artificial que possibilitasse a comunicação entre pessoas instruídas.¹³ Devido à punição divina, o homem foi tolhido de sua língua comum original, o hebraico, e obrigado a falar idiomas diversificados (os vernáculos), para que se reduzisse a possibilidade de compreensão e, conseqüentemente, de insurreição humana contra Deus. Para Dante, a língua dos eruditos consistia num artifício para burlar o castigo de Deus e era imune a alterações ao longo do tempo, contrariamente aos vernáculos, que estavam sujeitos à mutabilidade e desordem. Dessa forma, a palavra *grammatica* (gramática) foi empregada por Dante como sinônimo de língua artificial, em oposição aos *sermões vulgares* (línguas vernaculares), que, na sua visão, careciam de regras gramaticais. Não obstante peculiaridades lexicais de autores antigos e medievais, Dante acreditava que as diferenças entre essas "línguas" se limitavam ao vocabulário e que a estrutura gramatical da *grammatica* fosse imutável.

Maurizio Campanelli¹⁴ notou a continuidade do pensamento de Dante na teoria da diglossia dos antigos romanos proposta por alguns humanistas da Renascença italiana. Para Leonardo Bruni (1370-1444), Antonio Loschi (1368-1441) e Cencio de Rustici (1389/90-1445), os oradores romanos discursavam em algum tipo de vernáculo, mas, posteriormente, reescreviam seus discursos em *grammatica*. Sendo assim, Bruni, *mutatis mutandis*, retomava as ideias de Dante, ao defender a diglossia, isto é, a coexistência de duas línguas na Roma antiga, assim como acontecia em seu tempo: de um lado, o vernáculo, língua agramatical de pessoas iletradas; de outro, o latim, língua complexamente estruturada de homens cultos. No entanto, Flavio Biondo (1392-1463), Poggio Bracciolini (1380-1459) e Andrea Fiacchi (?-1452) divergiam de Bruni e de seus seguidores. Biondo acreditava que todos na Roma antiga falavam latim, mas havia diferenças entre os falantes devido ao grau de refinamento no uso da língua. Para advogar essa tese, Biondo utilizou-se do *Orator* de Cícero, distinguindo três registros de uso do latim: o da poesia, regulado pela métrica; o da oratória, não tão rígido quanto

¹² CAMPANELLI, 2014.

¹³ ALIGHIERI, 2011.

¹⁴ CAMPANELLI, 2014.

o da poesia mas que tinha cláusulas métricas ao final de cada período; e o do vernáculo, que, na visão de Biondo, não seguia regra alguma.

Além disso, Biondo estabeleceu uma cronologia de surgimento de registros, com base na qual o primeiro foi o vernáculo, comum a todos os romanos. Posteriormente, esse registro foi aperfeiçoado pela elite cultural romana, tornando-se prosa oratória e, em seguida, poesia. Além disso, Biondo, com base no *Brutus* de Cícero, argumentava que o latim era uma língua viva entre os antigos romanos, inclusive sujeita à evolução histórica muito antes do arpinate, e que foi aos poucos substituído pelo vernáculo, após as invasões bárbaras. Conforme Campanelli, a polêmica entre Bruni e Biondo, portanto, caracterizou-se, essencialmente, pelo confronto entre a visão medieval de que o latim era uma linguagem artificial, fixa, e uma abordagem mais historicista da língua latina, proporcionada pelos textos recém-descobertos pela geração de caçadores de livros, a exemplo de Niccolò Niccoli (1364-1437) e do próprio Bracciolini. Esse debate ocupou grande parte do séc. XV e envolveu humanistas importantes como Guarino de Verona (1374-1460), Bracciolini e Francesco Filelfo (1398-1481), que se filiavam à vertente de Biondo, ao passo que Angelo Decembrio (1415-1467) e Valla seguiam a orientação de Bruni.

No proêmio do livro I das *ELL*, Valla conclama os humanistas a restaurarem a pureza da língua latina para purgá-la das contaminações de linguagem dos autores medievais e retomarem o *usus* dos autores antigos. O autor salienta que os romanos foram o povo que mais disseminou seu idioma pelo mundo, ainda que outros tenham mantido sua dominação por mais tempo e regiões do mundo. Para o humanista, a maior glória de Roma foi ter levado o latim para as províncias, uma conquista mais importante do qualquer feito político ou militar, já que a língua latina fez com que o povo compreendido pelos limites do Império aprendesse as artes liberais e as leis. Nesse sentido, recuperar o antigo esplendor da língua latina correspondia, para Valla, a uma tarefa que não se restringia ao âmbito gramatical ou filológico, mas que rendia frutos às artes e ciências, uma vez que poderia lhes devolver uma poderosa linguagem necessária ao (re)florescimento.

O CONCEITO DE *ELEGANTIA* EM VALLA

Para Clementina Marsico,¹⁵ o conceito de *elegantia* presente em Valla remonta à *Rhetorica ad Herennium*, obra atribuída a Cícero no passado mas considerada anônima atualmente, e consiste num entrecruzar de *virtutes dicendi* ou *virtutes elocutionis* (*ornatus*,

¹⁵ MARSICO, 2013.

puritas ou *latinitas*, *perspicuitas* e *aptum*). Valla entendia a *elegantia* como uma virtude de linguagem atingida por meio da *latinitas* (pureza e correção de linguagem) e *explanatio* (clareza e precisão semântica). Sendo assim, para o humanista, resgatar as *elegantiae linguae latinae* implicava em excluir do latim barbarismos e solecismos, investigando, no *usus antiquorum*, a especificidade e adequação no emprego das palavras. No entanto, para além de uma obra sobre rudimentos de gramática latina, o fim último de Valla era produzir um tratado que conduzisse seu leitor ao *latine loqui*, isto é, a se expressar em latim de forma eloquente.

De acordo com David Marsh,¹⁶ o emprego de *elegantia* com o sentido de "correção e precisão semântica", obtida por meio do estudo das distinções entre palavras, remonta também a autores dos séc. II e III d.C. Marsh aponta que Valla teria sido influenciado, em especial, por Aulo Gélcio (125-180 d.C.), que se utilizou da forma plural *elegantiae* em *Noites áticas*, e por juristas romanos posteriores, que usavam o advérbio *eleganter*. Esse estudo das distinções verbais também ocupou autores medievais como João de Garland (fl. XIII), a quem se atribuem as obras *Synonyma* e *Aequivoca*. No *Quattrocento* italiano, Guarino de Verona (1374-1460) dedicou-se a elaborar listas de *synonyma* e *differentiae verborum*. No entanto, Valla revolucionou o estudo do vocabulário, no entender de Marsh. O humanista buscou estabelecer um padrão a partir da frequência de uso dos autores latinos, preferindo a *anomalía* (expressão idiomática) à *analogia* (paradigmas gramaticais) e abarcando uma grande extensão temporal de fontes. Dessa forma, o autor das *ELL* diferia dos ciceronianos do *Quattrocento* tardio, que se limitavam a Cícero ou a uma pequena lista de autores da chamada época de ouro da literatura latina.

Para W. Keith Percival, Valla acreditava que um padrão atemporal de latinidade poderia ser aplicado igualmente a escritores antigos e modernos¹⁷ e buscou, por meio de seu *opus magnum*, contribuir para restaurar o império linguístico de Roma. Os proêmios dos seis livros das *ELL*, sobretudo o do primeiro, são verdadeiros manifestos de Valla sobre esse projeto de restauração do latim. No entanto, as *ELL* causaram pouco impacto nas gramáticas da época, ao menos a curto prazo. Os manuais italianos de gramática latina do séc. XV, tal como no Medievo, persistiam em gramáticos tardios como Élio Donato (320-380 d.C.) e Prisciano Cesariense (fl. 500 d.C.), e os humanistas do norte da Europa mantinham-se fiéis à doutrina de Alexandre de Villedieu (1175-1240), professor e poeta francês, autor de livros sobre gramática e aritmética latinas em verso.

¹⁶ MARSH, 1979, p. 100.

¹⁷ PERCIVAL, 2007.

Por outro lado, o conceito de *elegantiae* foi empregado por contemporâneos de Valla para a composição de epístolas, inspirados pelo próprio autor das *ELL*, que, em 1452, publicou uma análise da correspondência de Bracciolini. Em 1468, Niccolò Perotti (1429-1480), ex-aluno de Valla, acrescentou aos seus *Rudimenta grammatices* a análise de uma epístola, baseando-se nas *ELL*, embora demonstrasse influência de seu antigo professor apenas na seção relativa à discussão sobre verbos. Com a invenção da imprensa de tipos móveis, o *opus magnum* de Valla difundiu-se rapidamente pela Europa, a partir da década de 1470, tendo três impressões em 1471, em Paris, Roma e Veneza.

Nesse mesmo ano de 1471, em Ferrara, Agostino Dati (1420-1478), influenciado por Valla, publicou suas *Elegantiolae*. Nas últimas três décadas do séc. XV, surgiram diversas *elegantiae* voltadas à escrita de epístolas, como por exemplo: *Elegantiarum viginti praecepta*, de autor anônimo, impressos em Gouda (Holanda) em 1480 e reimpressos no séc. XVI; *Precepta coaugmentande rhetorice oracionis oracionis commodissima* (Leipzig, c. 1488), de Konrad Wimpina (1465-1531); *Modus latinitatis* (1487), de Udalricus Eberhard (fl. XV); *Elegantiarum medulla oratoriaque precepta* e *Elegantiae maiores* (1493), de Jakob Wimpfeling (1450-1528); e *Regulae elegantiarum* (1498), de Francesco Negri (1450?-1510).

No final do séc. XV, tanto no norte da Europa, quanto na península itálica, havia humanistas dedicados a escrever manuais sobre composição epistolar e *elegantiae*, tal como Valla, a exemplo de Antonio Mancinelli (1452-1505), Andreas Hundorn (fl. XV-XVI), Paulus Nivis (1460-1514) e Wenceslaus Brack (?-1495). O gramático, pedagogo e impressor Jodocus Van Asche Badius (1462-1535) publicou as *ELL* como parte de seu projeto de reforma do ensino, buscando substituir as gramáticas medievais por manuais de humanistas. Além de Badius, outro humanista da virada do séc. XV para o séc. XVI que apresentou nítida influência de Valla foi Erasmo de Roterdã (1466-1536), que, em sua correspondência de 1489 para Cornelius Gerard (fl. XV-XVI), relatou que resumira as *ELL*, antes de começar a compor o seu *De conscribendis epistolis*.

NOSSA PROPOSTA DE TRADUÇÃO

Conforme apontamos anteriormente, o texto das *ELL* ainda não foi editado cientificamente em sua totalidade, embora algumas propostas de edição crítica parcial tenham surgido desde a década de 1990.¹⁸ Até o presente momento, não tivemos acesso à edição crítica

¹⁸ MARSICO, 2013.

do livro I, realizada por Lorella Cotti em sua tese *Per l'edizione critica delle 'Elegantie' di Lorenzo Valla*.¹⁹ Em razão disso, para o texto latino que serviu de base ao nosso trabalho de tradução da epístola e do proêmio ao livro I, confrontamos a edição de Santiago López Moreda,²⁰ que consultou as impressões de 1471 (Paris e Veneza), de 1532 (Paris), de 1536 (Veneza) e 1557 (Antuérpia); e a edição de Eugenio Garin,²¹ que comparou as impressões de 1471 (Roma) e de 1476 (Veneza). Sendo assim, nenhum manuscrito foi empregado em nossa colação, muito embora tenhamos consciência dos inúmeros problemas existentes na transmissão impressa das *ELL*, como já comentamos brevemente com base em Clementina Marsico. Consideramos este trabalho, portanto, uma primeira tentativa de divulgação parcial do *opus magnum* de Valla em português, a que se somarão outras oportunamente, trazendo futuros resultados de nosso trabalho de colação de manuscritos com edições impressas.

Nossa proposta de tradução da epístola e do proêmio ao livro I das *ELL* fundamentou-se, essencialmente, no conceito de tradução performativa definido por Douglas Robinson.²² Nossa preocupação fundamental não foi a de buscarmos reproduzir ponto a ponto as estruturas do texto original de Valla, mas de traduzirmos com performatividade, isto é, com eficácia comunicativa, adaptando-a à realidade cultural do público-alvo quando necessário, uma vez que, conforme Ricoeur²³ também salienta, o ato de traduzir não consiste na busca por uma versão perfeita do texto original numa língua de chegada mas na negociação com o texto original para que ele se adeque melhor à língua de chegada e à cultura de seus falantes. Para Ricoeur, o tradutor deve servir, portanto, a dois senhores: a língua de partida e a de chegada, sempre negociando para aproximar texto e leitor.

Nesse sentido, Peter Burke²⁴ defende a importância da tradução cultural, isto é, da tradução que “deve ser considerada menos uma solução definitiva para um problema do que um caótico meio-termo, envolvendo perdas ou renúncias e deixando o caminho aberto para uma renegociação”.²⁵ Tal entendimento do processo tradutório originou-se da antropologia e passou aos estudos de tradução, pois o ato de traduzir começou a ser visto como algo mais do que decodificar um idioma por meio de outro. Diante disso, o tradutor tem a tarefa de traduzir, além do idioma, conceitos, pensamentos de determinadas épocas remotas, expressões idiomáticas.

¹⁹ COTTI, 1991; 1992.

²⁰ VALLA, 1999.

²¹ GARIN, s.d.

²² ROBINSON, 2003.

²³ RICOEUR, 2011.

²⁴ BURKE, 2009.

²⁵ Idem, ibidem, p. 15

Em outras palavras, a tarefa do tradutor se dá “[n]um duplo processo de descontextualização e recontextualização, que primeiro busca se apropriar de algo estranho e em seguida doméstico”.²⁶

Durante a análise da epístola introdutória e do proêmio ao livro I de *ELL*, pudemos observar algumas marcas de linguagem do humanismo renascentista, como o uso de lítotes, polissíndeto e de construções sintáticas clássicas. Nesse sentido, buscamos retransmitir, em nossa proposta de tradução, esses traços, cujos exemplos reproduzimos abaixo, extraídos da epístola introdutória.

1) Lítotes, figura de retórica que consiste no abrandamento de uma expressão, por meio de uma negação que afirma algo:

*Siquidem **nullam** aliam inire rationem poteram, qua libros iniussu meo, ut scis, editos et in plurima exemplaria transcriptos tibi dicarem, **nisi** et repurgarem diligentius, et, quod maius est, aliorum ueluti reliqui corporis accessione perfectos me emittere testarer, ut **nemo** nisi ab hoc fonte et eius riuus nostrarum Elegantiarum aquas sibi hauriendas existimaret, – non solum uberiore gurgite, sed etiam nitidiore.*

Pois eu **não** pudera adotar outro motivo para te mostrar livros editados contra as minhas ordens, como sabes, e copiados em diversos exemplares, **não** sem antes não apenas os corrigir com muito cuidado, bem como (o que é mais importante) me assegurar de que os publico perfeitos como em acréscimo ao conjunto dos demais, de modo, ainda, a **ninguém** julgar que as águas desse regato de nossas elegâncias devam ser bebidas senão a partir desta fonte, tornando-se o rio não somente mais caudaloso, bem como mais cristalino.

2) Polissíndeto, encadeamento de ideias com repetição da conjunção, resultando em longos períodos e torneios sintáticos:

*Libros de linguae latinae elegantia, mi Ioannes, unicum amicitiae specimen **et** omnis scientiae decus, olim iam tibi debitos, totiens**que** abs te efflagitados, **et** tanquam creditore repetitos tandem exhibeo, nominique tuo dedico, ac uelut aes alienum persoluo, **et** ut longioris morae dem poenas etiam cum fœnore, eo**que** tanto ut sorti par sit.*

Meu Giovanni, único exemplo de amizade e glória de toda a ciência, são os livros sobre a elegância da língua latina, já há muito a ti devidos e tantas vezes por ti rogados como que reclamados por um credor, os quais, finalmente, apresento e dedico ao teu nome, e como que saldo, com lucro, uma dívida e, além disso, os prejuízos da mais longa demora, para que, devido a esse ganho, a obra te seja igual ao capital emprestado a juros.

3) Adjetivação geminada, emprego de mais de um adjetivo para a qualificação de uma palavra:

***Nihil** ita **arduum**, itaque **abditum**, quod eum fallat; **nihil** ita **tenue** in litteris **exiguumque**; unde haud secus miror quod eum fugiat; [...].*

²⁶ Idem, ibidem, p. 16.

Não existe **nada** de tal modo **árduo** e de tal modo **misterioso** que escape ao seu olhar; **nada** de tal modo **sutil** e **exíguo** nas letras; daí que, não de outra maneira, me espanto com aquilo que foge à sua observação; [...].

4) Ablativo absoluto, construção que consiste em "*un sustantivo en ablativo acompañado de un adjetivo o participio con un valor análogo a una oración subordinada circunstancial*",²⁷ muito comum em obras do período clássico:

Qui non magis prudentissimorum hominum iudicio electus est quam natus ad illam dignitatem uidetur; quem Deus nobis praebens, singulari quadam hoc saeculum est beneficentia prosecutus; et quo sospite, ut est hominum opinio, res humanae futurae felices sunt, [...]

Ele que não mais merecidamente foi eleito pelo juízo de homens sapientíssimos do que parece ter nascido para aquela dignidade; a quem Deus, ofertando-nos, gratificou este século com singular beneficência, e, **sendo nosso protetor**, como é opinião dos homens, os acontecimentos humanos futuros são felizes, [...]

PARTE II

Tradução da epístola introdutória e do proêmio do livro I das *Elegantiae linguae latinae* de Lorenzo Valla

LAVRENTII VALLENSIS VIRI CLARISSIMI ET DE LINGVA LATINA BENE MERENTIS AD IOANNEM TORTELLIVM ARETINVM: CVI OPVS ELEGANTIVM LINGVAE LATINAE DEDICAT EPISTOLA.

EPÍSTOLA DE LORENZO VALLA, ILUSTRÍSSIMO E BENEMÉRITO DA LÍNGUA LATINA, A GIOVANNI TORTELLI,²⁸ A QUEM DEDICA SUA OBRA DAS ELEGÂNCIAS DA LÍNGUA LATINA.

[01] *LAVRENTIVS VALLENSIS IOANNI Tortelio Aretino cubiculario apostolico theologorum facundissimo salutem Plurimam Dicit.*

[02] *Libros de linguae latinae elegantia, mi Ioannes, unicum amicitiae specimen et omnis scientiae decus, olim iam tibi debitos, totiensque abs te efflagitados, et tanquam creditore repetitos tandem exhibeo, nominique tuo dedico, ac uelut aes alienum persoluo, et ut longioris morae dem poenas etiam cum foenore, eoque tanto ut sorti par sit.*

[01] LORENZO VALLA saúda GIOVANNI Tortelli Aretino, cubulário apostólico,²⁹ o mais eloquente dos teólogos.

[02] Meu Giovanni, único exemplo de amizade e glória de toda a ciência, são os livros sobre a elegância da língua latina, já há muito a ti devidos e tantas vezes por ti rogados como que reclamados por um credor, os quais, finalmente, apresento e dedico ao teu nome, e como que saldo, com lucro, uma dívida e, além disso, os prejuízos da mais longa demora, para que, devido a esse ganho, a obra te seja igual ao capital emprestado a juros.

²⁷ BASSOLS, 1992, p. 95.

²⁸ Giovanni Tortelli (1400-1466), nomeado, em 1449, cubulário do papa Nicolau V (r. 1447-1455), que o escolheu para auxiliar na constituição da Biblioteca do Vaticano. Permaneceu bibliotecário até o advento de Calisto III (r. 1455-1458) e, como tal, encontrava-se no centro do humanismo romano.

²⁹ Cf. nota anterior.

[03] *Nam cum sex essent libri, quos tibi, cui omnia debeo, repromiseram, nunc totidem ad illos accedunt eiusdem germanaeque materiae; et quasi semissi semis addita explet assem lucri.*

[04] *Fecisti itaque tu quidem longam expectationem; uerum ipsius expectationis non negligentia mea, sed consilium extitit causa.*

[05] *Nolo enim fraudare beneficium meum gratia sua.*

[06] *Siquidem nullam aliam inire rationem poteram, qua libros iniussu meo, ut scis, editos et in plurima exemplaria transcriptos tibi dicarem, nisi et repurgarem diligentius, et, quod maius est, aliorum ueluti reliqui corporis accessione perfectos me emittere testarer, ut nemo nisi ab hoc fonte et eius riuis nostrarum Elegantiarum aquas sibi hauriendas existimaret, non solum uberioreurgite, sed etiam nitidiore.*

[07] *Quo magis et spero et opto libros hos abs te in summi pontificis bibliotheca repositum iri; teque curaturum, ut ille, cuius contubernalis es et studiorum intimus comes, nonnunquam eos euoluat, et quemadmodum de parte iam fecit, totum opus laudet, eximium profecto ac maximum laboris mei fructum ac premium.*

[03] Na realidade, como fossem seis os livros que eu prometera a ti, a quem tudo devo, agora crescem àqueles outros tantos exatamente de mesmo assunto;³⁰ e, como meio asse³¹ somado a meio asse, totaliza-se um asse de lucro.

[04] Por isso, tu, sem dúvida, suportaste uma longa espera; a causa, porém, dessa espera não foi minha negligência, mas prudência.

[05] Com efeito, não quero obter fraudulentamente meu benefício por meio da sua influência.

[06] Pois eu não pudera adotar outro motivo para te mostrar livros editados contra as minhas ordens, como sabes, e copiados em diversos exemplares, não sem antes não apenas os corrigir com muito cuidado, bem como (o que é mais importante) me assegurar de que os publico perfeitos como em acréscimo ao conjunto dos demais, de modo, ainda, a ninguém julgar que as águas desse regato de nossas elegâncias devam ser bebidas senão a partir desta fonte, tornando-se o rio não somente mais caudaloso, bem como mais cristalino.³²

[07] Por isso, não apenas espero mas desejo que estes livros venham a ser colocados por ti na biblioteca do sumo Pontífice e que tu hás de zelar para que ele, de quem és companheiro e íntimo preceptor de estudos, de vez em quando os leia; e, do mesmo modo que já fez acerca de parte da obra, possa elogiá-la por completo, certamente um exímio e,

³⁰ Valla deve se referir aqui aos dois livros das *Raudensianae notae* e aos quatro livros do *Antidotum in Facium*, que pretendia mostrar a Tortelli. Essas obras também tratavam da língua latina. Cf. nota 24.

³¹ Asse, moeda romana, que, com o tempo, perdeu seu valor até se tornar sinônimo de valor insignificante.

³² Valla começou a escrever as *Elegantiae* por volta de 1433 em Pávia. Em 1434-1435, mudou-se para Florença com seu cunhado Ambrogio Dardanoni, trazendo consigo uma cópia da referida obra. Seu esboço foi apresentado a escritores florentinos, entre os quais Giovanni Aurispa (1376-1459) e Leonardo Bruni (1369-1444). O humanista continuou trabalhando na redação das *Elegantiae* em Nápoles, onde permaneceu de 1435 a 1447. Em correspondência de 1439 ao amigo Giovanni Tortelli, Valla disse que o trabalho parecia estar chegando ao fim e prometeu mostrar-lhe a obra em Florença. Mas os planos seriam adiados por algum tempo, pois o autor não pôde retornar a Florença, devido a conflitos entre as cidades na época. Somente em 1441, Valla enviou a Tortelli uma versão do texto ainda em estágio final de redação, com muitas interpolações e marginais, através de seu cunhado Dardanoni, para que, de forma reservada, o amigo fizesse sua leitura crítica antes da publicação. No entanto, sem o conhecimento de Valla e Tortelli, essa redação do trabalho foi interceptada e depois divulgada por Aurispa no mesmo ano de 1441, espalhando-se contrariamente à vontade do autor.

[08] *Nam quis uberior fructus aut quod magis optimum premium generoso animo contingere potest quam laudari a laudato uiro?*

[09] *ut ille apud Actium inquit: Gaudeo abs te laudari, pater, laudato uiro.*

[10] *Etenim quisnam multis iam saeculis laudatior extitit, quiaue sit magis iure laudandus, quam nostrum omnium pater summus Pontifex Nicolaus Quintus?*

[11] *Qui non magis prudentissimorum hominum iudicio electus est quam natus ad illam dignitatem uidetur; quem Deus nobis praebens, singulari quadam hoc saeculum est beneficentia prosecutus; et quo sospite, ut est hominum opinio, res humanae futurae felices sunt, adeo nescias an uirtus eius an dignatio inter homines magis emineat; et inter ipsius uirtutes, quae cui praestet, si qua modo praestat et non unaquaeque omnes in se numeros habet, nisi ut quod quisque maxime uirtutem aliquam colit, ita maxime adesse huic illam existimat.*

[12] *Veluti tu nonnumquam, atque ego prudentiam, cum caeterarum rerum, tum uero litterarum.*

[13] *Quid enim tam arduum, tam difficile, tam profundum, quod non consilii altitudine expediat, conficiat, transigat?*

[14] *Tot summi pontificatus, quem prope lacerum ac naufragum acceperat, negotia, quibus dstringitur, quorum pars*

sobretudo, importantíssimo fruto e prêmio de meu trabalho.

[08] Com efeito, que fruto mais fértil ou que melhor prêmio pode conquistar um nobre espírito do que ser louvado por um homem louvado?

[09] Como diz Heitor em Nêvio,³³ “alegro-me de ser louvado por ti, pai, um homem louvado”.³⁴

[10] De fato, já houve alguém mais louvado, durante muitos séculos, ou que deva ser mais justamente louvado do que o sumo Pontífice Nicolau V, o mais importante dentre todos os nossos padres? [11] Ele que não mais merecidamente foi eleito pelo juízo de homens sapientíssimos do que parece ter nascido para aquela dignidade; a quem Deus, ofertando-nos, gratificou este século com singular beneficência, e, sendo nosso protetor, como é opinião dos homens, os acontecimentos humanos futuros são felizes, a ponto de que não reconhecerias, quanto à sua virtude ou dignidade, qual se destaca mais entre os homens, e, entre suas próprias virtudes, qual se eleva mormente (se, de algum modo, uma delas apenas se eleva e não reúne em si todas as categorias, a menos que, pelo fato de se cultivar muito uma virtude, se estime que uma delas favorece muito a outra).

[12] Da mesma forma, tu e eu cultivamos, de vez em quando, a prudência tanto acerca de diversas coisas, quanto até mesmo das letras.

[13] De fato, o que há de tão árduo, tão difícil, tão profundo, que não se desembarace, dissolva, conclua graças à grandeza da sabedoria?

[14] Do tão eminente pontificado – que, quase dilacerado e naufrago,³⁵ recebeu –,

³³ No texto original, encontra-se o nome de Lúcio Ácio (170-86 a.C.), poeta latino trágico. Provavelmente, Valla aqui cometeu um *lapsus calami*, já que Heitor é personagem de uma tragédia de Gneu Nêvio (270-201 a.C.) e não de Ácio, motivo para termos alterado, na tradução, o nome original presente no texto latino. Cf. nota 21.

³⁴ Referência de Valla a um trecho da carta de Cícero a Catão: “*‘Laetus sum laudari me,’ inquit Hector, opinor apud Naevium, ‘abs te, pater, a laudato viro;’*” (Alegro-me por ser elogiado, diz Heitor, creio que em Nêvio, ‘por ti, pai, um homem honrado;’ (PARKS, 2014, p. 151). Nesse trecho, Cícero se refere ao fragmento 17 de *Hector Proficiscens*, tragédia perdida de Nêvio, que devia tratar da partida de Heitor de Troia. (BOYLE, 2006, p. 27).

³⁵ É possível que, por meio dessa metáfora do naufrágio, Valla aluda não só a conflitos entre os poderes temporal e secular bem como a tensões internas da Igreja que tumultuaram pontificados anteriores ao de Nicolau V. No

quenlibet alium deprimeret, unus omnia curat, omnia suis humeris sustinet, unus omnia obit, et, quod magis nostram admirationem auget, non fortiter modo, sed etiam libenter.

[15] *Diuina nimirum in eo est ingenii celeritas ac uis.*

[16] *Iam uero de litteris quotiens nobiscum alioque erudito, post fluctus occupationum loquitur?*

[17] *Taceo qua pronuntiandi maiestate et gratia, quanta memoria, quanta rerum copia, quanta doctrinarum omnium peritia eluceat, uel humanarum, ut historicae, ut oratoriae, ut grammaticae, ut philosophicae, ut poeticae, etiam metricae, uel diuinarum, ut theologiae, ut omnis iuris, ut eius quam Graeci μεταφυσικὴν uocant.*

[18] *Nihil ita arduum, itaque abditum, quod eum fallat; nihil ita tenue in litteris exiguumque; unde haud secus miror quod eum fugiat; eoque nunquam minus loqui, magis attendere mihi libet quam quum ipsum audio.*

[19] *Pace tamen eius dictum sit, non minus ornat illam dignitatem quam ab illa ornatur.*

[20] *Nec ego minus ueneror eius uirtutes apud me quam datas a Deo Apostolicas clauas, quum praesertim scientia sacrarum litterarum clauis uocetur, ab eodem Deo tributa, quae aperit, et nemo claudit; claudit, et nemo aperit.*

cuida, sustenta em seus ombros, encarrega-se, sozinho, de todos os assuntos, que o fatigam, mas cuja parte bastaria para deprimir qualquer outro; e, o que aumenta ainda mais nossa admiração, não o faz apenas com bravura, como também com prazer.

[15] Sem dúvida, há nisso uma divina força e agilidade de inteligência.

[16] De fato, já quantas vezes, após o turbilhão das ocupações, ele conversa conosco ou com outro erudito acerca das letras?

[17] Nem falo sobre com que majestade e graça de se expressar, tamanha memória, riqueza de assuntos, tamanha destreza em todos os conhecimentos ele se mostra brilhante, quer humanos, como da história, oratória, gramática, filosofia, poética, enfim, métrica; quer sagrados,³⁶ como da teologia, de todo o direito e do que os gregos chamam de metafísica.

[18] Não existe nada de tal modo árduo e de tal modo misterioso que escape ao seu olhar; nada de tal modo sutil e exíguo nas letras; daí que, não de outra maneira, me espanto com aquilo que foge à sua observação; e, por isso, nunca me agrada falar menos, prestar mais atenção, do que quando somente o escuto.

[19] Mas, com sua permissão, poder-se-ia dizer que não menos ele orna aquela dignidade do que ela é ornada por ele.

[20] Nem eu venero menos suas virtudes para comigo do que as chaves apostólicas concedidas por Deus, embora, principalmente, se chame ciência a chave das letras sagradas, concedida pelo

primeiro ano do pontificado de Urbano VI (r. 1378-1389), ocorreu o Grande Cisma do Ocidente, a partir do qual a Igreja católica ocidental passou a ter duas sedes, uma em Roma, onde moravam os papas, e outra em Avignon (França), em que residiam os antipapas. Sendo assim, durante os pontificados de Urbano VI, Bonifácio IX (r. 1389-1404), Inocêncio VII (r. 1404-1406), Gregório XII (r. 1406-1415), Martinho V (r. 1417-1431) e Eugênio IV (r. 1431-1447), houve uma disputa de poderes entre esses papas e os antipapas Clemente VII (r. 1378-1394), Bento XIII (p. 1394-1423), Clemente VIII (r. 1423-1429), Bento XIV (r. 1430-1437) e Félix V (r. 1439-1449). Finalmente, com o pontificado de Nicolau V, concluiu-se esse longo período de desestabilização interna da Igreja, com a subsequente renúncia de Félix V em 1449.

³⁶ Mesmo durante o Humanismo renascentista, permaneceu a separação entre conhecimento secular e conhecimento sagrado em academias e universidades. O conhecimento sagrado, por sua vez, dizia respeito à diversidade do mundo entendido dentro de uma ordem estável.

[21] *Itaque utraque manu claves gestat, sapientiae altera, altera potestatis.*

[22] *Quare, ut libere quod sentio dicam, uel magis mihi laetandum atque gloriandum erit, si a tam integro, tam sancto, tam sapienti uiro, quam si a summo Pontifice laudabor.*

[23] *Summi enim Pontifices multi fuerunt, sed qualis hic, uix unus aut alter; quem absit ut emerendi fauoris gratia impensius laudauerim, quippe qui sciam et me improbaturos homines, si mentiar, et illum talem esse, qui nec seipsum ignoret, et testimonia suarum laudum malit in pectoribus esse quam linguis.*

[24] *Neque uelim te hanc ei epistolam ostendere.*

[25] *In qua etsi laudatur, id tamen non adeo fit, ut has laudes ipse, sed ut caeteri legant; et, quod ad nos attinet, magna sane honori tuo ac meo fiet accessio ex hac Nicolai pontificis commemoratione.*

[26] *Etenim si in arcubus triumphalibus aut columnis caeterisque id genus operibus in honorem aliquorum extructis, quo sint augustiora, cernimus interdum alicuius dei, aut deo similis imaginem superpositam; cur ipse non putem mihi faciundum ut huic meae columnae, non ausim dicere arcui, duodecim passus altae?*

[27] *Quam ego opifex tibi ob singularem eruditionem, summam beneuolentiam, maxima in me merita dicaui imaginem Nicolai summi Pontificis mea manu sculptam in culmine colloquem, ut operis*

próprio Deus, que abre, e ninguém fecha; fecha, e ninguém abre.

[21] Portanto, ele leva chaves em cada uma das mãos – da sabedoria em uma, da autoridade em outra.

[22] Por isso, para dizer francamente o que sinto, deverei me alegrar e gloriar ainda mais, se for louvado por um homem tão íntegro, tão santo, tão sábio quanto o sumo Pontífice.

[23] De fato, muitos sumos Pontífices existiram, mas qual este apenas um ou outro; esteja longe de mim louvá-lo mais enfaticamente por causa de um favor, porquanto eu saiba que, se mentir, haverá homens que me desmentirão, e tenho consciência de que ele é tal que não se desconhece a si próprio e prefere que os testemunhos de seus louvores permaneçam nos corações a que sejam expressos pelas línguas.

[24] Eu não pretendia que tu lhe mostrasses esta epístola.

[25] Nela, embora seja louvado, isso, contudo, não é feito tanto para que ele próprio, mas para que outros leiam estes louvores; e, quanto ao que nos concerne, aumentar-se-á, sem dúvida, a tua e minha honra devido a esta menção do pontífice Nicolau.

[26] Com efeito, se, em arcos triunfais ou colunas e em outras obras desse gênero, construídas em honra de alguns, reconhecemos por vezes a imagem superposta de algum deus ou de alguém semelhante a um deus para que sejam mais majestuosas, por que eu próprio não pensaria que devo fazer o mesmo com relação a esta minha coluna (não ousaria chamá-la de arco) de doze passos?³⁷

[27] Por tua singular erudição, suma benevolência, generosíssimos favores para comigo, que eu, enquanto artista, coloque no cume essa imagem do sumo

³⁷ Conforme Clementina Marsico (MARSICO, 2013, p. 52), a metáfora da coluna de 12 passos alude a um projeto editorial de Valla, que pretendia reunir seus principais escritos linguístico-gramaticais numa edição unificada: os seis livros das *Elegantiae*, os dois livros das *Raudensianae notae* e os quatro livros do *Antidotum in facium*. Dessa forma, Valla compara a menção do nome do sumo pontífice na epístola de abertura das *Elegantiae* à imagem de um deus esculpida numa coluna metafórica de 12 metros, isto é, doze livros, erguida em homenagem à língua latina.

decori quaedam etiam ex ipso praeside maiestas accedat.

[28] *Ita et nostra in illum reuerentia ac religio, et illius in nos fauor splendorque constabit.*

Pontífice Nicolau, dedicada a ti, esculpida por minha mão, para que também alguma majestade se acresça à decoração da obra, oriunda do próprio protetor.

[28] Dessa forma, ficará evidente não apenas nossa reverência e veneração para com ele, bem como a magnificência e o favor dele para conosco.

LAVRENTII VALLENSIS PATRICII ROMANI COMMENTARIORVM GRAMMATICORVM SECVNDVM ELEGANTIAM LINGVAE LATINAE LIBER PRIMVS DE NOMINE VERBOQVE ET EX HIS DVOBVS COMPOSITO PARTICIPIO INCIPIT PROEMIVM.

DE LORENZO DE VALLA, PATRÍCIO ROMANO, O PRIMEIRO LIVRO DE COMENTÁRIOS GRAMÁTICAIS, CONFORME A ELEGÂNCIA DA LÍNGUA LATINA, ACERCA DO NOME, DO VERBO E DO PARTICÍPIO, COMPOSTO DESSES DOIS. COMEÇA O PROÊMIO.

[01] *Cum saepe mecum nostrorum maiorum res gestas aliorumque uel regum, uel populorum considero, uidentur mihi non modo ditionis nostri homines, uerum etiam linguae propagatione caeteris omnibus antecelluisse.*

[01] Quando medito, frequentemente comigo mesmo, acerca dos notáveis feitos de nossos ancestrais³⁸ e de outros quer sejam reis ou povos, parece-me que nossos homens ultrapassaram todos os demais não somente por causa da extensão do domínio bem como da língua.

[02] *Nam Persas quidem Medos, Assyrios, Graecos, aliosque permultos longe lateque rerum potitos esse; quosdam etiam ut aliquanto inferius quam Romanorum fuit ita multo diuturnius imperium tenuisse constat; nullos tamen ita linguam suam ampliasset ut nostri fecerunt, qui (ut oram illam Italiae quae magna olim Graecia dicebatur, ut Siciliam quae graeca etiam fuit, ut omnem italiam taceam) per totum pene occidentem, per septentrionis, per Africae non exiguam partem, breui spatio linguam romanam (quae eadem latina a latio, ubi Roma est, dicitur) celebrem et quasi reginam effecerunt.*

[02] Sem dúvida, consta que persas, medos, assírios, gregos e muitos outros dominaram longa e amplamente; alguns desses, ainda que um pouco inferior ao dos romanos mas também muito duradouro, obtiveram um império; entretanto, nenhum deles estendeu sua língua assim como lograram fazer os nossos, que (conquanto eu não fale daquela região da Itália que antigamente se chamava Magna Grécia, da Sicília, que também foi grega, de toda a Itália), por quase todo o ocidente, por não exígua parte do norte, da África, tornaram, em breve espaço de tempo, a língua romana (a mesma que se denomina latina a partir de Lácio, onde se encontra Roma) célebre e quase uma rainha.

[03] *Et quod ad ipsas prouincias attinet uelut optimam quandam frugem mortalibus ad faciendam sementem*

[03] E, no que concerne particularmente às províncias, eles ofereceram aos mortais, como uma excelente seara para

³⁸ Importante observarmos que Valla, tendo nascido na cidade de Roma, considera os antigos romanos como seus verdadeiros ancestrais e o latim, seu idioma. É muito frequente o uso do pronome *noster*, *tra*, *trum* no texto original para caracterizar os romanos e a língua latina.

praeberunt, opus nimirum multo praeclarius multoque speciosius quam ipsum imperium propagasse.

[04] *Qui enim imperium augent, magno illi quidem, honore affici solent, atque imperatores nominantur; qui autem beneficia aliqua in homines contulerunt, ii non humana sed diuina potius laude celebrantur, quippe cum non suae tantum urbis amplitudini ac gloriae consultant, sed publicae quoque hominum utilitati ac saluti.*

[05] *Itaque nostri maiores rebus bellicis pluribusque laudibus caeteros homines superarunt, linguae uero suae ampliacione se ipsis superiores fuerunt, tanquam relicto in terris imperio consortium deorum in caelo consecuti.*

[06] *An uero Ceres quod frumenti, Liber quod uini, Minerua quod oleae inuentrix putatur, multique alii ob aliquam huiusmodi beneficentiam in deos repositi sunt, linguam latinam nationibus distribuisse minus erit optimam frugem et uere diuinam nec corporis sed animi cibum?*

[07] *Haec enim gentes illas populosque omnes omnibus artibus, quae liberales uocantur instituit; haec optimas leges edocuit; haec uiam eisdem ad omnem sapientiam muniuit; haec denique praestitit ne barbari amplius dici possent.*

[08] *Quare quis aequus rerum aestimator non eos praeferat qui sacra litterarum*

semear, uma obra certamente muito mais admirável e muito mais formosa do que propagar seu próprio império.

[04] Certamente, aqueles que ampliam o império costumam ser dotados de grande honra e são denominados imperadores; aqueles, porém, que proporcionaram alguns benefícios aos homens tornam-se célebres, antes, devido a mérito não humano mas divino, visto que não se ocupam da importância e glória de sua cidade apenas, mas também da utilidade e bem-estar público dos homens.

[05] Por isso, nossos ancestrais, graças a feitos militares e a muitos outros méritos, superaram os demais homens; na verdade, eles foram superiores a si mesmos graças à ampliação de sua própria língua, como se, deixado um império nas regiões da terra, tivessem igualado um consórcio de deuses no céu.

[06] Se, de fato, Ceres, por ser considerada a criadora dos cereais; Líber, do vinho; Minerva, da oliveira; e muitos outros, devido a alguma beneficência desse tipo, foram incluídos entre os deuses, será menos importante disseminar, pelas nações, a língua latina, uma excelente e, sem dúvida, divina semente, alimento não do corpo mas da alma?

[07] Com efeito, ela instruiu todas as nações e povos em todas as artes que se denominam liberais;³⁹ ela lhes ensinou as melhores leis; ela lhes construiu a estrada para todo o conhecimento; ela, enfim, lhes possibilitou que deixassem de ser chamados de bárbaros.⁴⁰

[08] Por que um justo avaliador dos fatos não preferiria os que cultivaram os cultos

³⁹ A expressão *artes liberales* concerne à organização de disciplinas de uma longa tradição de ensino iniciada na Antiguidade clássica e que atravessou a Idade Média, tendo chegado ao Humanismo italiano. Trata-se das disciplinas do *Quadrivium* (aritmética, música, geometria e astronomia) e do *Trivium* (lógica, gramática e retórica), que entravam na formação do homem livre: “Essas artes foram chamadas de artes liberais (*artes liberales*) por duas razões interrelacionadas: primeiro, por serem as artes características dos homens livres, ou seja, dos homens relativamente libertados dos esforços e do investimento de tempo, requeridos pelo trabalho manual e as suas artes correspondentes, as artes servis (*artes serviles*); e, em segundo lugar, por serem as artes que desenvolvem e aprofundam os atos mais livres e nobres do espírito humano, aqueles atos que se desempenham, não para alcançar qualquer outro objetivo, mas por causa do valor e da excelência do ato mesmo” (PAINE, 1997, p. 569). Durante o Renascimento, os *studia humanitatis* (línguas clássicas, filosofia e poética) passaram a incluir as *artes liberales*.

⁴⁰ Valla utiliza aqui o adjetivo bárbaro para classificar povos ou países que não falam latim.

colentes iis qui bella horrida gerentes clari fuerunt?

[09] *Illos enim regios homines; hos uero diuinos iustissime dixeris, a quibus non quemadmodum ab hominibus fit aucta res publica est maiestasque populi Romani solum, sed quemadmodum a diis salus quoque orbis terrarum; eo quidem magis quod qui imperium nostrum accipiebant, suum amittere (et quod acerbius est) libertate spoliari se existimabant nec fortasse iniuria; ex sermone autem latino non suum imminui, sed condiri quodammodo intelligebant, ut uinum posterius inuentum aquae usum non excussit, nec sericum lanam linumque, nec aurum caetera metalla de possessione eiecit, sed reliquis bonis accessionem adiunxit.*

[10] *Et sicut gemma aureo inclusa annulo non deornamento, sed ornamento est, ita noster sermo accedens aliorum sermoni uernaculo contulit splendorem, non sustulit.*

[11] *Neque enim armis aut cruore aut bellis dominatum adeptus est, sed beneficiis, amore, concordia.*

[12] *Cuius rei, quantum coniectura suspicari licet, hoc, ut ita loquar, seminarium fuit.*

[13] *Primum, quod ipsi maiores incredibiliter se in omni studiorum genere excolebant, ita ut ne in re quidem militari aliquis nisi idem in litteris praestans esse uideretur: quod erat caeteris ad aemulationem non exiguum incitamentum.*

[14] *Deinde, quod ipsis litterarum professoribus praemia egregia sane proponebant.*

das letras aos que se celebrizaram por promover hórridas guerras?

[09] Àqueles,⁴¹ certamente chamarias de régios homens; mas a estes, com muita justiça, de divinos, por quem não somente foi engrandecida a república, um empreendimento de homens, mas também o bem-estar do orbe terrestre, uma façanha de deuses; por isso, os que recebiam nosso império, na verdade, julgavam que, talvez não injustamente, perdiam o seu e (o que é mais cruel) eram privados de liberdade; eles não pensavam que o seu idioma era destruído pela língua latina, mas que era temperado de alguma maneira, assim como o vinho, criado posteriormente, não acabou com o consumo da água, nem a seda com o uso da lã e do linho, nem o ouro com a importância dos outros metais, mas se tornou um complemento dos demais bens.

[10] E, assim como uma gema incrustada num anel de ouro não enfeia mas o enfeita, nosso idioma, sobrevivendo ao idioma vernáculo dos outros, trouxe-lhe esplendor, não o obnubilou.⁴²

[11] E, certamente, ele não obteve o domínio por meio de armas ou de sangue ou de batalhas, mas devido a benefícios, amizade, concórdia.

[12] Quanto a isso, posso conjecturar que o princípio foi assim como exporei.

[13] Inicialmente, que nossos ancestrais se aperfeiçoavam incredivelmente em todo o tipo de estudos, de tal modo que, de fato, ninguém se distinguia na técnica militar, sem que o lograsse também nas letras, o que servia, para os demais, de não desconsiderável incentivo de emulação.

[14] Depois, que eles, sem dúvida, propunham elevadas regalias aos professores, especialmente aos de letras.

⁴¹ Importante observar o jogo de pronomes “aqueles” (*illos*) X “estes” (*hos*) para opor o distanciado tempo de barbárie dos reis à época de civilização dos latinos, mais recente no ponto de vista do enunciador. Dessa forma, fica patente, mais uma vez, a empatia que Valla sente pelos romanos.

⁴² Novamente, Valla emprega um jogo de pronomes – “nosso” (*noster*) X “outros” (*aliorum*) – para opor o povo falante ao povo não falante de latim, colocando-se no primeiro grupo.

[15] *Postremo, quod hortabantur prouinciales omnes ut cum Romae tum in prouincia romane loqui consuescerent.*

[16] *Ac, ne pluribus agam, de comparatione imperii sermonisque romani, hoc satis est dixisse.*

[17] *Illud iam pridem, tamquam ingratum onus, gentes nationesque abiecerunt; hunc omni nectare suauiore, omni serico splendidiore, omni auro gemmaque pretiosiore putauerunt, et quasi deum quendam e caelo demissum apud se retinuerunt.*

[18] *Magnum ergo latini sermonis sacramentum est, magnum profecto numen quod apud peregrinos, apud barbaros, apud hostes, sancte ac religiose per tot saecula custoditur, ut non tam dolendum nobis Romanis quam gaudendum sit atque ipso etiam orbe terrarum exaudiente gloriandum.*

[19] *amisimus Romam, amisimus regnum atque dominatum; tametsi non nostra sed temporum culpa; uerum tamen per hunc splendidiorem dominatum in magna adhuc orbis parte regnamus.*

[20] *Nostra est Italia, nostra Gallia, nostra Hispania, Germania, Pannonia, Dalmatia, Illyricum, multaeque aliae nationes.*

[21] *Ibi namque romanum imperium ubicumque romana lingua dominatur.*

[22] *Eant nunc Graeci et linguarum copia se iactent.*

[23] *Plus nostra una effecit, et quidem inops, ut ipsi uolunt, quam illorum quinque, si eis credimus, locupletissimae; et multarum gentium, uelut una lex, una est lingua romana; unius Graeciae, quod pudendum est, non una, sed multae sunt, tamquam in republica factiones.*

[15] Por último, que eles exortavam todos os habitantes das províncias a se acostumarem a falar como um verdadeiro romano, tanto em Roma, quanto na província.

[16] E, para não me delongar mais, basta o que falei sobre a comparação entre império e idioma romano.

[17] Ao império, já há algum tempo, povos e nações renunciaram como um peso desagradável; à língua, porém, julgaram mais doce que qualquer néctar, mais esplêndida do que qualquer seda, mais preciosa do que qualquer ouro e gema, e conservaram-na entre eles quase como um deus enviado do céu.

[18] Grande, portanto, é o sacramento da língua latina, grande, certamente, o seu nume, porque, entre peregrinos, entre bárbaros, entre inimigos, conserva-se sagrada e religiosamente por tantos séculos, de modo que isso não seja tão lastimado por nós Romanos quanto regozijado e até vangloriado para que o próprio orbe terrestre o ouça.

[19] Perdemos Roma, perdemos um reino e um domínio; embora não por nossa, mas por culpa dos tempos; entretanto, reinamos até agora em grande parte do mundo graças a este domínio mais esplêndido.

[20] É nossa a Itália, nossa a Gália, nossa a Espanha, a Alemanha, a Panônia, a Dalmácia, a Ilíria, e muitas outras nações.

[21] Onde quer que a língua romana domine, ali, de fato, domina o Império romano.

[22] Agora que venham os gregos e se vangloriem da abundância de línguas.

[23] A nossa, uma única língua (e pobre, como, na verdade, eles mesmos julgam), produziu mais do que suas cinco riquíssimas⁴³ (se as cremos assim); e a língua romana é como que a única lei de muitos povos; mas, de uma única Grécia, não há uma, porém, muitas línguas, como

⁴³ Referência aos cinco dialetos literários do grego antigo: 1) micênico; 2) eólico, que, por sua vez, abrange o léssbio, beócio e tessálio; 3) dórico; 4) macedônico antigo e 5) jônico.

[24] *Atque exteri nobiscum in loquendo consentiunt; Graeci inter se consentire non possunt, nedum alios ad sermonem suum se perducturos sperent.*

[25] *Varie apud eos loquuntur auctores, attice, aeolice, ionice, dorice, κοινῶς; apud nos, id est apud multas nationes, nemo nisi romane, in qua disciplinae cunctae libero homine dignae continentur, sicut in sua multiplici apud Graecos; qua uigente quis ignorat studia omnia disciplinasque uigere, occidente occidere?*

[26] *Qui enim summi philosophi fuerunt, summi oratores, summi iurisconsulti, summi denique scriptores?*

[27] *nempe ii qui bene loquendi studiosissimi.*

[28] *Sed me plura dicere uolentem impedit dolor et exulcerat, lacrymarique cogit, intuentem quo ex statu et in quem facultas ista reciderit.*

[29] *Nam quis litterarum, quis publici boni amator a lacrymis temperet, cum uideat hanc in eo statu esse, quo olim Roma capta a Gallis?*

[30] *Omnia euersa, incensa, diruta, ut uix capitolina supersit arx.*

[31] *Siquidem multis iam saeculis non modo nemo latine loquutus est, sed ne latina quidem legens intellexit: non philosophiae studiosi philosophos, non causidici oratores, non legulei iurisconsultos, non caeteri lectores ueterum libros perceptos habuerunt aut habent, quasi amisso Romano Imperio non deceat romane nec loqui nec sapere,*

facções na República, o que é motivo de vergonha.⁴⁴

[24] No entanto, os estrangeiros se entendem conosco ao falar; os gregos não podem se entender entre si, menos ainda esperem que atrairão os outros para o seu idioma.

[25] Os autores, entre os gregos, falam diversificadamente em ático, eólico, jônico, dórico, κοινῶς; entre nós, isto é, entre muitas nações, ninguém fala senão em romano, em que se conservam todas as disciplinas dignas do homem livre, assim como, entre os gregos, em sua língua variada; quem ignora que, morrendo essa língua em que florescem todos os estudos e disciplinas, eles também morrem?

[26] Com efeito, quais foram os mais importantes filósofos, os mais importantes oradores, os mais importantes juristas, enfim, os mais importantes escritores?

[27] Sem dúvida, os mais dedicados a falar bem.

[28] Mas a mim, que desejo falar mais, uma dor impede, exaspera e leva a chorar, a mim que observo de que estado e para qual esta faculdade terá degenerado.

[29] Sem dúvida, que amante das letras, que amante do bem comum conteria as lágrimas, ao ver que esta se encontra na mesma situação em que, outrora, Roma, quando capturada pelos gauleses?

[30] Tudo destruído, incendiado, arruinado, de modo que, com dificuldade, sobrevive a cidadela capitolina.⁴⁵

[31] De fato, já há muitos séculos, ninguém não apenas não fala em latim, mas nem entende lendo em língua latina (os estudiosos de filosofia não compreenderam ou compreendem os filósofos; os causídicos, os oradores; os advogados, os iurisconsultos; os demais leitores, os livros herdados dos antigos), como se, perdido o Império romano, não

⁴⁴ Essa ideia de superioridade da língua latina frente ao idioma grego é uma influência do pensamento de Petrarca em Valla.

⁴⁵ Referência à invasão gaulesa de Roma (390 a.C.). Liderados por Breno, os gauleses sitiaram Roma. Camilus, então no exílio, foi chamado para enfrentar Breno, mas, como demorasse, os romanos acabaram propondo a saída dos gauleses em troca de ouro. Breno aceitou, e colocou como preço o valor de mil libras. Nesse ínterim, Camilus chegou, derrotou os gauleses, que não puderam levar o ouro.

fulgorem illum latinitatis situ ac rubigine passi obsolescere.

[32] *Et multae quidem sunt prudentium hominum uariaeque sententiae, unde hoc rei acciderit, quarum ipse nullam nec probo, nec improbo, nihil sane pronuntiare ausus; non magis quam cur illae artes, quae proxime ad liberales accedunt, pingendi, sulpendi, fingendi, architectandi, aut tamdiu tantoque opere degenerauerint, ac paene cum litteris ipsis demortuae fuerint, aut hoc tempore excitentur ac reuiuiscant, tantusque tum bonorum opificum, tum bene litteratorum prouentus efflorescat.*

[33] *Verum enimvero quo magis superiora tempora infelicia fuere, quibus homo nemo inuentus est eruditus, eo plus his nostris gratulandum est, in quibus, si paulo amplius adnitamur, confido propediem linguam romanam uere plus quam urbem, et cum ea disciplinas omnes, iri restitutum.*

[34] *Quare pro mea in patriam pietate, immo adeo in omnes homines, et pro rei magnitudine cunctos facundiae studiosos, uelut ex superiore loco libet adhortari euocareque et illis, ut aiunt, bellicum canere.*

[35] *Quousque tandem Quirites (litteratos appello et romanae linguae cultores, qui et uere et soli Quirites sunt, caeteri enim potius inquilini), quousque, inquam, Quirites, urbem nostram, non dico*

conviesse mais que se fale em latim nem o saiba, mas que aquele fulgor da latinidade, tendo sofrido com o desleixo e a ferrugem,⁴⁶ seja agora esquecido.

[32] E, na verdade, há muitas e variadas opiniões de sábios homens sobre por que isto teria ocorrido, nenhuma das quais eu mesmo nem aprovo nem reprovo; nada ousou sequer pronunciar senão que aquelas artes que se aproximam das liberais (pintura, escultura, cerâmica, arquitetura) ou teriam se degenerado por tanto tempo e de tamanha maneira – e quase teriam morrido com as próprias letras – ou que, agora, teriam sido despertadas e revivam, e floresça tanto o trabalho de bons artistas, quanto a aumento de literatos.

[33] Mas, sem dúvida, quanto mais os tempos passados foram infrutíferos, em que nenhum homem erudito se encontrou, tanto mais devemos agradecer a estes tempos em que, conquanto nos esforcemos um pouco mais, tenho fé que, em breve, a língua romana, com justiça mais do que a cidade, será restituída e, com ela, todas as disciplinas.⁴⁷

[34] Por isso, devido à minha devoção à Pátria, mais ainda a todos os homens, e devido à grandiosidade do assunto, convém exortar e convocar, como que de um lugar mais alto, todos os estudiosos de eloquência e lhes dar o sinal de guerra, como se costuma dizer.

[35] Até quando, enfim, Quirites⁴⁸ (refiro-me aos literatos e cultores da língua romana, que são, de fato, os únicos Quirites, os demais são, na verdade, inquilinos), até quando, Quirites,

⁴⁶ Conforme comentamos na 1a. parte deste trabalho, Valla entendia a *elegantia* como uma virtude de linguagem atingida por meio da *latinitas* (pureza e correção de linguagem) e *explanatio* (clareza e precisão semântica). Sendo assim, para o humanista, resgatar as *elegantiae linguae latinae* implicava em excluir do latim barbarismos e solecismos, investigando, no *usus antiquorum*, a especificidade e adequação no emprego das palavras.

⁴⁷ Nesse passo, fica evidente como, para Valla, recuperar o antigo esplendor da língua latina correspondia a uma tarefa que não se restringia ao âmbito gramatical ou filológico, mas que rendia frutos às artes e ciências, uma vez que poderia lhes devolver uma poderosa linguagem necessária ao (re)florescimento.

⁴⁸ Referência à pergunta inicial do exórdio da primeira catilinária de Cícero: “*Quo usque tandem abutere, Catilina, patientia nostra?*” (CICERO, 1989, p. 32), “Até quando, enfim, abusarás de nossa paciência, Catilina?” (tradução nossa). Importante notarmos que Valla reutiliza essa passagem mas com uma série de alterações, entre as quais, a inserção da palavra “*Quirites*” para, conforme Santiago López Moreda, construir “*un juego de palabras entre el concepto político de quirites, ciudadanos de primera clase, e inquilini, los advendizos. En el plano literario se trata de los que hablan correctamente latín y los bárbaros, respectivamente*” (VALLA, 1999, p. 63).

domicilium imperii, sed parentem litterarum, a Gallis captam esse patiemini?

[36] *id est latinitatem a barbaria oppressam?*

[37] *Quousque prophanata omnia duris et paene impiis aspicietis oculis?*

[38] *An dum fundamentorum reliquiae uix appareant?*

[39] *Alius uestrum scribit historias: istud est Veios habitare.*

[40] *Alius graeca transfert: istud est Ardeae considerare.*

[41] *Alius orationes, alius poemata componit: istud est Capitolium arcemque defendere.*

[42] *Praeclara quidem res et non mediocri laude digna, sed hoc non hostes expellit, non patriam liberat.*

[43] *Camillus nobis, Camillus imitandus est, qui signa, ut inquit Virgilius, in patriam referat eamque restituat; cuius uirtus adeo caeteris praestantior fuit, ut illi qui uel in Capitolio, uel Ardeae, uel Veis erant, sine hoc salui esse non possent.*

[44] *Quod hoc quoque tempore continget et caeteri scriptores, ab eo qui de lingua latina aliquid composuerit, non parum adiuuabuntur.*

[45] *Equidem, quod ad me attinet, hunc imitabor; hoc mihi proponam exemplum; comparabo, quantulaecumque uires meae fuerint, exercitum, quem in hostes quam*

pergunto, suportareis que nossa cidade, não digo a sede do Império mas a mãe das letras, seja captura pelos Gauleses?⁴⁹

[36] Isto é, que a latinidade seja oprimida pela barbárie?⁵⁰

[37] Até quanto observareis, com olhos insensíveis e quase ímpios, que tudo seja profanado?

[38] Por ventura, até que as relíquias dos fundamentos mal apareçam?

[39] Alguém de vós escreve histórias: isto é habitar Veios.

[40] Alguém traduz em grego: isto é morar em Ardea.⁵¹

[41] Um compõe discursos, outro, poemas: isto é defender o Capitólio e a cidadela.

[42] Sem dúvida, uma ação admirável e digna de não medíocre louvor, mas isto não expulsa os inimigos e liberta a pátria.

[43] É a Camilo, é a Camilo que nós devemos imitar, para, como disse Virgílio,⁵² devolver as insígnias à pátria e a restituir; a Camilo, cuja virtude foi, sobretudo, mais notável do que a dos demais, uma vez, sem ele, os que estavam no Capitólio, ou em Ardea, ou em Veios não poderiam ter se salvado.

[44] Isso também sucederá agora e os demais escritores serão ajudados não pouco por aquele que escrever algo sobre a língua latina.

[45] Certamente, no que me diz respeito, eu o imitarei; proporei este exemplo a mim mesmo; prepararei, por pequenas que sejam minhas forças, um exército, para comandar, o mais rápido possível, contra

⁴⁹ Nova referência ao episódio da invasão gaulesa de Roma em 390 a.C. (Cf. nota 32)

⁵⁰ Sob a metáfora da barbárie, Valla alude à problemática dos vícios legados pela corrupção e aspereza de autores latinos medievais.

⁵¹ Emprego metafórico dos nomes das cidades de Veios, para onde fugiram alguns romanos quando da invasão gaulesa, e de Árdea, em que Camilo passou a residir após o exílio, acusado de apropriação indébita de butim de guerra obtido com a vitória contra Veios. Com essas metáforas, Valla talvez queira dizer que, no seu entender, escrever histórias ou traduzir para o grego não colabora com a causa principal de de “libertar” a língua latina dos bárbaros e de “resgatar” seu esplendor, como proporá mais adiante.

⁵² Referência ao livro VI da *Eneida*, v. 824-825: “*Quin Decios Drususque procul saeuumque securi/ aspice Torquatam et referentem signa Camillum*”, “Os Décios, vê, mais os Drusos adiante, e o temível Torquato/ com a machadinha, e Camilo trazendo os pendões de tornada (Tradução de Carlos Alberto Nunes in: VIRGÍLIO, 2016, p. 434-435). Nesse trecho, Anquises mostra a Eneias seus futuros descendentes romanos, entre os quais os heróis que atuaram na vitória final contra os gauleses. Aqui, Camilo aparece com as insígnias recobradas dos gauleses, que haviam sido perdidas anteriormente na derrota romana durante a batalha de Ália.

primum educam; ibo in aciem, ibo primus, ut uobis animum faciam.

[46] *Certemus, quaeso, honestissimum hoc pulcherrimumque certamen; non modo ut patriam ab hostibus recipiamus, uerum etiam ut in ea recipienda quis maxime Camillum imitabitur appareat.*

[47] *Difficillimum quidem praestare quod ille praestitit, omnium imperatorum mea sententia maximus riteque secundus a Romulo conditor urbis appellatus.*

[48] *Ideoque plures pro se quisque in hanc rem elaboremus, ut saltem multi faciamus quod unus effecit.*

[49] *Is tamen iure uereque Camillus dici existimarique debet, qui optimam in hac re operam nauauerit.*

[50] *De me tantum affirmare possum, ut non sperare tantae me rei satisfacturum, ita difficillimam sumpsisse laboris partem durissimamque prouinciam, ut redderem alios ad caetera prosequenda alacriores.*

[51] *Hi enim libri nihil fere, quod ab aliis auctoribus, iis dumtaxat qui extant, traditum est, continebunt.*

[52] *Atque hinc principium nostrum auspicemur.*

os inimigos; irei na linha de frente, irei primeiro, para encorajar-vos.

[46] Combatamos, peço-vos, este mui honesto e belo combate; não apenas para que recuperemos a pátria do inimigo, bem como para que, ao recuperá-la, apareça alguém que imitará vivamente Camilo.

[47] Sem dúvida, é difícilimo realizar o que ele realizou, o maior de todos os comandantes, na minha opinião, e, com razão, chamado de segundo fundador da cidade, depois de Rômulo.

[48] E, por isso, muitos de nós nos apliquemos, cada um por si, a esta ação, para que, pelo menos, todos nós juntos consigamos fazer o que ele sozinho logrou.

[49] Por outro lado, o que mostrar melhor vigor nesta ação, com justiça e com razão, deverá ser chamado e estimado um Camilo.

[50] Quanto a mim, posso afirmar apenas, para não esperar que eu hei de executar tão importante ação, que assumi uma difícilima parte do trabalho e a função penosíssima de entusiasmar os demais a persistirem nas outras tarefas da missão.

[51] Seguramente, estes livros conterão quase nada que foi dito por outros autores, ao menos pelos que vivem.

[52] E, doravante, encetemos o princípio de nossa obra.

REFERÊNCIAS

- ALIGUIERI, Dante. **De vulgari eloquentia**: sobre a eloquência em vernáculo. Tradução, introdução e notas de Tiago Tresoldi. Porto Alegre: Tiago Tresoldi Editore, 2011.
- BASSOLS DE CLIMENT, Mariano. **Sintaxis latina**. 10. ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.
- BOCCHETTI, Andrea. Logica e metodo in Lorenzo Valla. **Revista Educação e Filosofia**, v. 32, n. 65, mai.-ago., 2018.
- BOYLE, A.J. **An Introduction to Roman Tragedy**. New York; London: Routledge, 2006.
- BURKE, Peter. Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna. In: BURKE, Peter; HSIA, R. P-Chia. **A tradução cultural**: nos primórdios da Europa Moderna. Tradução de Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora da UNESP, 2009. p. 13-46.
- CAMPANELLI, Maurizio. Languages. In: WYATT, Michael (ed.). **The Cambridge Companion to the Italian Renaissance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. p. [195]-[222].
- CELENZA, Christopher S. **The Intellectual World of the Italian Renaissance**: Language, Philosophy, and the Search for Meaning. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- CICERO. **In Catillinam I-IV; Pro Murena; Pro Sulla; Pro Flacco**: with an English translation by C. Macdonald, M.A. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1989.
- COMO, J. **Un campione di edizione delle Elegantie**: i capitoli contro i grammatici antichi. Firenze: Università degli Studi di Firenze, 2004.
- COTTI, L. **Per l'edizione critica delle Elegantie di Lorenzo Valla**. Milano: Università Cattolica, 1991; 1992.
- DIONISOTTI, C. **Geografia e storia della letteratura italiana**. Torino: Einaudi, 1967.
- GARIN, Eugenio. **Prosatori latini del quattrocento**. Milano; Napoli: Riccardo Riccardi Editore, s.d.
- GARZONI, A. **Una redazione delle “Elegantiae” di Lorenzo Valla**. Milano: Università Cattolica, 1986; 1987.
- GIANOTTI, Gian Franco. Vita europea delle lingue morte: per una storia della grammatica. **Atti Ufficiali**, 153, 2019, p. 15-63.
- GIUDICE, L. Lo. **La tradizione delle ‘Elegantie’ di Lorenzo Valla**. Milano: Università Cattolica, 1986; 1987.
- GUILLÉN, Carmen Lozano. Sobre el concepto de gramática en el Renacimiento. **Humanística Lovaniensia**, v. 41, 1992, p. 86-103.

HENDERSON, J.R. Valla's *Elegantiae* and the Humanist Attack on the *Ars Dictaminis*. **Rhetorica**, n. 19, v. 2, 2001, p. 249-268.

IJSEWIJN, Jozef; TOURNOY, Gilbert. Un primo censimento dei manoscritti e delle edizioni a stampa degli "Elegantiarum linguae latinae libri sex" di Lorenzo Valla. **Humanistica lovaniensia**, v. 18, 1969, p. 25-42.

_____. Nuovi contributi per l'elenco dei manoscritti e delle edizioni delle *Elegantie* di Lorenzo Valla. **Humanistica lovaniensia**, v. 20, 1971, p. 1-4.

MARSH, David. Grammar, Method, and Polemic in Lorenzo Valla's *Elegantiae*. **Rinascimento** n.s. 19, 1979, p. 91-116.

MARSICO, Clementina. **Per l'edizione delle *Elegantie* di Lorenzo Valla**: studio sul V libro. Firenze: Firenze University Press, 2013.

MORI, Giuliano. **Lorenzo Valla's Philosophical Grammar**: its Conception and its Reception. *Humanistica: An International Journal of Early Renaissance Studies*, 2021.

NAUTA, Lodi. Latin as a Common Language: the Coherence of Lorenzo Valla's Humanist Program. **Renaissance Quarterly**, vol. 71, n. 1, 2018, p. 1-32.

PAINE, Scott Randall. Das artes liberales à filosofia nas universidades medievais. **Veritas**, v. 42, n. 3, 1997, p. 569-578.

PARKS, Mitchell H. **City of Praise**: The Politics of Encomium in Classical Athens.

PERCIVAL, W. Keith. Grammar, Humanism, and Renaissance Italy. **Mediterranean Studies**, v. 16, 2007, p. 94-119.

REGOLIOSI, Mariangela. **Nel cantiere del Valla**: elaborazione e montaggio delle *Elegantie*. Roma: Bulzoni, 1993.

_____. **La diffusione europea del pensiero del Valla**: atti del convegno del Comitato Nazionale VI centenario della nascita di Lorenzo Valla. Firenze: Edizione Polistampa, 2012.

RICOEUR, Paul. **Sobre a tradução**. Tradução de Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

ROBINSON, Douglas. **Performative Linguistics**: Speaking and Translating as Doing Things with Words. London: Routledge, 2003.

SANCHEZ, Virginia Bonmati. El sermo vulgaris frete a la romana lingua de Lorenzo Valla (c. 1407-1457) en el Apólogo I contra Poggio Bracciolini (1380-1459). **Cuadernos de Filología Clásica**: Estudios Latinos, v. 24, n. 2, 2004, p. 303-318.

SCHÖNTAG, Roger. Il dibattito intorno al volgare antico tra Leonardo Bruni e Flavio Biondo sullo sfondo della cognizione linguista di Dante. **Forum Italicum**, v. 51, n. 3, 2017, p. 553-572.

TAVONI, Mirko. **Latino, grammatica, volgare**: storia di una questione umanistica. Padova: Editrice Antenore, 1984.

VALLA, Lorenzo. **De linguae latinae elegantia**. Introducción, edición crítica, traducción y notas por Santiago López Moreda. Cáceres: Universidade de Extremadura, 1999.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Organização, apresentação e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2016.

Recebido em: 22/02/2021

Aprovado em: 28/04/2021